

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Eduardo Colonne — Alberto Friedenthal — La Follia de A. Corelli — Theatro de S. Carlos — Guilhermina Suggia — Concertos — Leon Jamet — Noticiario — Necrologia — Secção litteraria.

EDUARDO COLONNE

Vae visitar-nos a grandiosa orchestra franceza, dirigida por este eminente e prodigioso musico.

E' a primeira vez que ella vem a Lisboa, onde aliás Colonne é pessoalmente conhecido e apreciado, havendo dirigido com a sua supremacia musical os concertos da nossa orchestra da Associação Musica 24 de Junho, nos annos de 1881 e 1882.

A vinda a Lisboa de tão maravilhoso nucleo de artistas, hoje proclamado como uma das primeiras orchestras existentes, realisa-se depois d'uma *tournee* colossal atravez da Allemanha, na qual os successos, os applausos, e todas as manifestações do mais alto e distinguido apreço lhe foram tributados, como homenagem deposita humildemente aos pés de tão gloriosos triumphadores.

No momento em que escrevemos, temos á vista a opinião das mais acreditadas e autorisadas folhas de Vienna (Austria), Berlim e Leipsig (Allemanha). São unanimes em reconhecer a superioridade dos musicos francezes, quer observados por naipes, quer no conjuncto, sobre muitas das melhores orchestras allemãs, e ainda mais o grandissimo valor e merecimento de Eduardo Colonne, que nomeadamente designam como sendo o principal impulsor dos admiraveis resultados attingidos pela sua orchestra.

O testemunho é da mais profunda significação, partindo de allemães e viennenses e que uns e outros, nunca abdicaram da supremacia musical, de que ha tantos annos gozam sem partilha. Vê-se bem qual o effeito assombroso, que a regencia de Colonne, e a alta educação musical dos seus artistas, souberam produzir; tão colossal e esmagador que alguns órgãos da imprensa allemã não he-

sitam em proclamar o triumpho obtido pela orchestra franceza como uma grandiosa *desforra* do seu paiz!

Recortamos ao acaso este eloquentissimo periodo d'um jornal de Leipzig (*Die Musikwoche*):

»O colorido d'execução dos trechos é incomparavelmente luminoso e brilhante: O antigo regimen «tocar com o mais puro do coração» affirma de novo a sua existencia e importancia. Sómente quando cada um dos artistas da orchestra se consagra por inteiro á execução propria, com todas as melhores faculdades e sentimento de que é susceptivel, pôde o conjuncto attingir effeitos de sonoridade identicos aos que obtem os nossos hospedes parisienses. Como expressão externa d'uma tal unidade impõem-se: a igualdade do jogo dos arcos, a finura das transições, e o admiravel accôrdo entre metaes e violinos.

«Nem um só executante se destacava do conjuncto e se o fazia, era obedecendo ás exigencias naturaes, á idéa inicial do thema, ou á logica da construcção musical. Recebia-se a impressão de que todos aquelles executantes se davam a mão, n'uma bella e poderosa alliança artistica!»

Isto com respeito á orchestra franceza. Mas pelo que toca á personalidade de Colonne são ainda mais prodigos de elogios os criticos allemães. Um d'elles, no auge do seu enthusiasmo, proclama-o «muito mais allemão (sic) do que a generalidade dos directores d'orchestra seus compatriotas, bem mais francezes, (sic) do que o parisiense Colonne.»

São todos unanimemente concordes em designal-o como o mais experimentado director d'orchestra existente, e louvam sem reserva o prestigio miraculoso da sua batuta, que com uma sobriedade de movimentos, na verdade grave e ponderada, se faz obedecer com a maior unidade e disciplina, revelando quanto proficua e sublime nos seus effeitos tem sido a direcção suprema, e educação musical transmittida por Colonne aos seus discipulos e dirigidos.

*
Estão prestes a completar-se trinta annos que Colonne iniciou a sua carreira de director de concertos. Foi a 2 de março de 1873 que elle inaugurou as sessões de musica do «Concerto nacional» no theatro do *Odeon*. Desde essa primeira sessão, em que o successo foi alem da mais optimista previsão, o nome de Colonne passava subito a tornar-se popular, e a fama que tão galhardamente lhe aureolava as suas primeiras tentativas, havia de ficar-lhe sempre tributaria.

Dois annos depois (1875) o «Concerto nacional» transforma-se na «Associação artistica dos Concertos Colonne» e deixava a sala do *Odeon* pela do *Chatelet*, onde ainda se realisam as suas admiraveis e celebres sessões. Um pouco de estatistica tem aqui cabimento. Colonne conta no seu laborioso *activo musical* a direcção de 788 concertos, nos quaes se ouviram 1676 composições diversas, 850

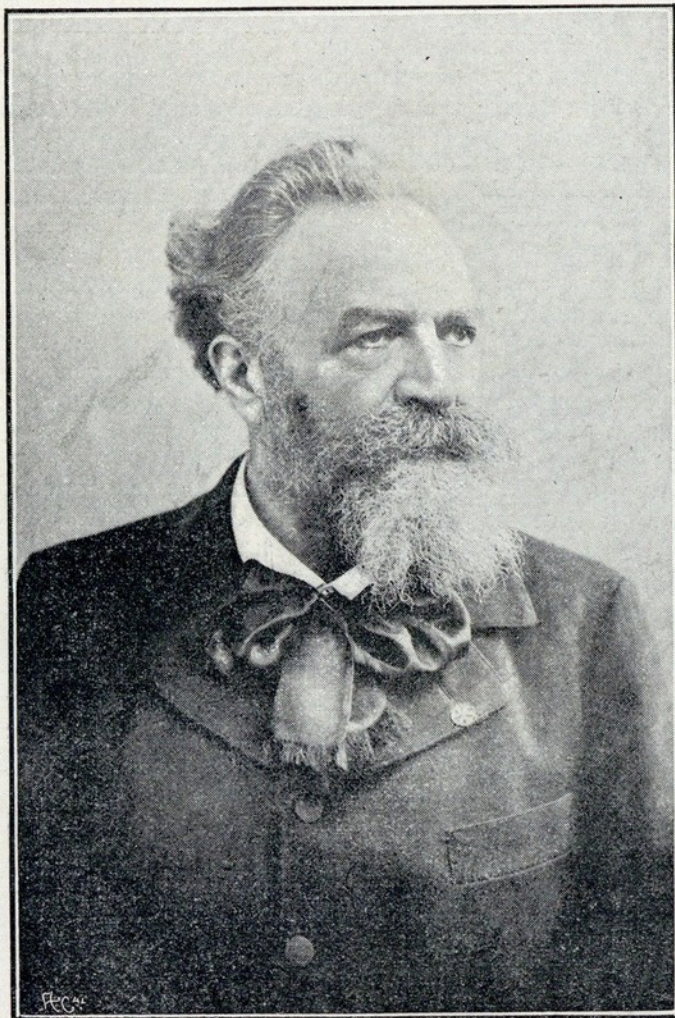
d'ellas originaes de 129 autores francezes, como Bruneau, Charpentier, Debussy, Erlanger, Fauré, Franck, Godard, Holmés, Vincent d'Indy, Joncières, Lalo, Massenet, Xavier Leroux, Messenger, Pierné, Theodore Dubois, Paul Vidal, Widor e Saint Saens. Dos estrangeiros seria longa a lista. Bastanos afirmar que a Colonne se deve o principal conhecimento e estudo da musica de Beethoven e Wagner em França.

Durante a sua curta passagem *au pupitre* da orchestra da *Opera*, representaram-se ali tres obras novas que ficaram incorpora-

das desde logo no repertorio, e todas de primeira grandeza: *Salambó*, de E. Reyer; *Sansão e Dalila*, de Saint-Saens; *Walkyria*, de Wagner.

Não ha centro musical de importancia que não o tenha aclamado ruidosamente, e com elle a maravilhosa orchestra, que é a mais cabal e incontestavel demonstração das suas aptidões de director musical. Lis-

boa que já o admirara, na sua individualidade de regente, e um tanto nos effeitos que elle sabe commu- nicar e produzir, vae agora ter completo e plenissimo ensejo de saudar os esforços incessantes de Colonne, admirando conjuntamente a sua orchestra, cujo merito e valor intrinseco, poderemos apreciar em breves dias.



Alberto Friedenthal

Este notavel pianista allemão, que pela primeira vez visita Portugal, é alem d'um virtuose de primeira plana,

eximio sobremodo na interpretação de Chopin, um litterato e polyglota distinctissimo, tendo vertido para allemão diversos trechos dos nossos grandes poetas, em especial de Camões e Guerra Junqueiro, a quem elle dá a sua melhor preferencia.

Entre as nove linguas que falla e escreve correctamente conta-se o idioma portuguez, que, como já dissemos, elle conhece tão bem que se encarregou de o traduzir nas obras de dois grandes poetas nacionaes. O director da *Arte Musical* recebeu ha pouco uma carta do famoso concertista, escripta

em portuguez impecavel, sem embargo de n'ella dizer que «havia annos que não escrevia no idioma de Camões».

E' pois uma individualidade distinctissima, e como em breves dias, logo a seguir aos concertos da orchestra Colonne, vamos ter ensejo de o apreciarmos, prestar-lhe-hemos aqui o nosso tributo, dando desde já alguns apontamentos biographicos.

Nasceu em Bramberg, no anno de 1862, e a circumstancia de haver nascido n'uma cidade da Polonia allemã determinou por ventura a preferencia, tão viva, que muito cedo manifestou pela obra gigante de Frederico Chopin. Desdeverdes annos que encetou a sua educação musical, primeiro sob as vistas de Agath e Steinbrunn, e alguns annos depois sob a direcção de Theodoro Kullak, em cuja celebre classe artistica Friedenthal era o mais joven dos discipulos.

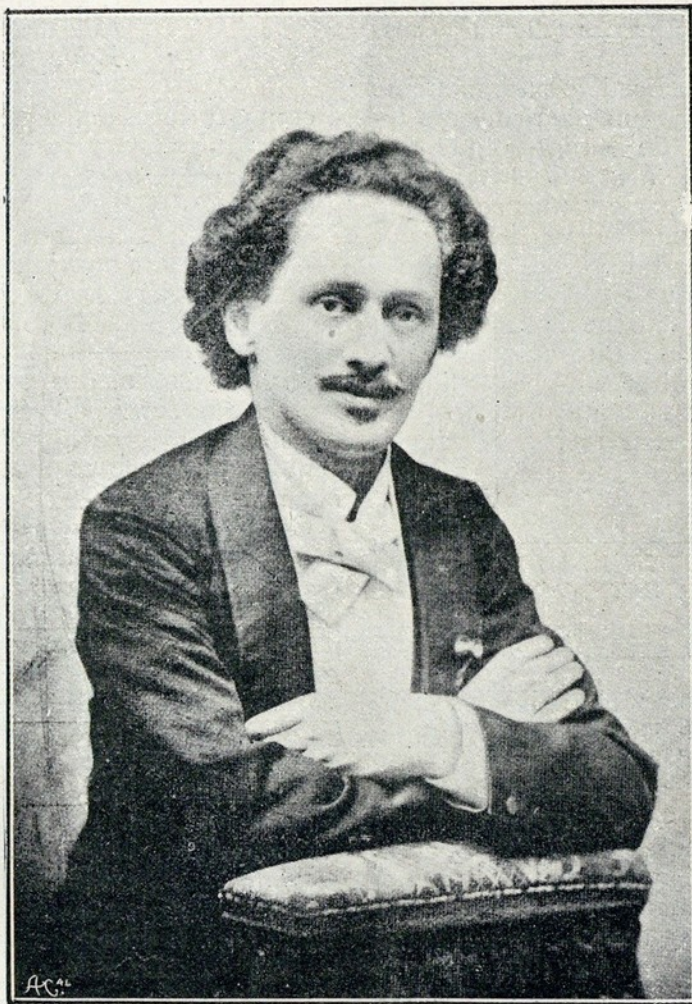
Apenas terminados os estudos n'esse Conservatorio

emprehendeu a serie inexgotavel das suas viagens artisticas, que o fizeram denominar pelos inglezes «globe-trotter» ou litteralmente «trotador pelo globo». De facto, nenhum outro artista tem percorrido o mundo inteiro como o nosso biographado.

A contar de 1882 até 1893, visitou Friedenthal successivamente os Estados-Unidos, Canadá, Mexico, Antilhas, America central e do Sul, Japão, China, Philippinas, Himalaya, Beluchistan, Afghanistan, que atravessou com os inglezes, India, Ceylão, Ilhas de Sanda, Colonia do Cabo, Transwaal,

Africa oriental, Egypto, Australia; isto é deu a volta ao mundo por duas vezes, fazendo-se applaudir e consagrar artisticamente por todos esses paizes, tão diversos, e pelos seus povos, de educação e instinctos tão variados e antagonicos, respectivamente. Parte das suas viagens na Asia tiveram como estimulo a investigação e estudo sobre a musica d'aquella antiquissima parte do velho Mundo.

Depois de 1893 começou o seu giro pela Europa, e logo no inverno de 1893/94 visitou a Grecia, Turquia e peninsula dos Balkans. No anno seguinte coube a vez á Alemanha, Austria-Hungria, Romaniaa, França; no immediato á Austria, Italia e França, e nos seguintes voltou e visitou a primeira vez Alemanha, Austria-Hungria, Bulgaria, Romaniaa, Dinamarca, Suecia-Noruega, Belgica e Suisa, sempre cumulado das mais lisongei-ras distincções de todosos chefes d'estado, e coroado pelo acolhimento mais enthu-



siasta dos publicos.

Durante as estações de inverno, por conselho medico, fixa a sua residencia em Berlim, mas a sua indole incansavel não lhe permite repousar por completo. E' n'esses periodos que elle se dedica a estudos litterarios, e principalmente ao das linguas, que é uma paixão dominante e absorvente n'elle.

Dotado de uma retentiva prodigiosa, o seu repertorio d'executante consta de 250 differentes composições, entre as quaes se contam doze concertos com acompanhamento de orchestra, doze sonatas de Bee-

thoven, infinito numero de preludios e fugas de Sebastião Bach, e todas as obras importantes de Schumann, Chopin, Brahms, Liszt, Bulow, Grieg etc. Em quasi todas as suas *tournees* artisticas acompanha-o um primoroso piano Bechstein, expressamente construido por aquelle fabricante para Friedenthal.

Possuindo a mais vasta cultura intellectual, é versado nos principaes ramos das sciencias modernas. Os seus artigos litterarios tem occupado honroso lugar nos principaes órgãos da imprensa allemã e austriaca.

Por todos esses predicados, extremamente raros de se congregarem n'um mesmo individuo, e pelo culto de admiração que professa pelo nosso idioma e litteratura, que tem procurado divulgar e tornar conhecido aos seus compatriotas, Portugal deve acolher com o mais carinhoso enthusiasmo o nobre estrangeiro, que tão sincera e desinteressadamente ha muito lhe dedica amizade e sympathia. Não são muito vulgares entre os estrangeiros os cultores da nossa lingua, e ainda menos os que como Alberto Friedenthal o são, enthusiastica e disveladamente.

V. F. B.



«La Follia» de Arcangelo Corelli

E' das poucas obras violinisticas do seculo XVII, que se tem até hoje mantido no repertorio dos grandes concertistas. Trabalho da mais alta concepção, resumindo como muitas das composições do creador da musica instrumental moderna, as difficuldades e transcendencias mais subtis da technica do violino, não sómente inspirou aos primeiros tocadores o desejo de a trabalharem, como obra classica por excellencia, mas moveu ainda theoreticos e criticos a descortinar-lhe as intenções e a significação a descobrir-lhe por assim dizer o programma, que na mente creadora do patriarcha dos violinistas se teria desenhado, ao engendrar a sua extranha e phantastica sonata.

La Follia! A Loucura! Extravagante titulo, em verdade! Extranho ainda para quem n'um consciencioso exame da partitura, se proponha a estudar cada uma das phrases e a entreligar cada uma das ideias musicas que constituem o conjuncto da obra!

Um dos mais serios trabalhadores do violino que é ao mesmo tempo um dos mais genias concertistas da actualidade, Cesar Thomson, apprehendeu ha pouco um profundo traba-

lho sobre a arte antiga, tão minucioso e tão cuidado no que respeita á *Follia* de Corelli, que não resistimos ao prazer de transcrever aqui os seus dizeres, na consciencia de prestar um bom serviço a todos os violinistas que nos lerem.

Alem d'isso, o grande violinista e professor belga amplificou notavelmente a sonata, dividindo-a em quatro partes:

Entrée
Chaconne
Courante
Epilogue

e como o caso pode parecer extranho ou pelo menos audacioso a muitos, bom é que dêmos a palavra ao proprio Thomson, para dizer da sua justiça.

*

«Por muito tempo julgaram os musicos e criticos que o nome de *Follia* que Corelli deu á 12.^a sonata da sua obra 5.^a, era mais um titulo convencional que se referia ao genero de dansa lenta (como as *Folies d'Espagne*, *Sarabande*, *Chaconne*, *Courante*, lenta) do que a expressão d'uma ideia preconcebida e d'uma descripção musical determinada.

Corelli, compondo a sua 12.^a sonata quiz descrever as diferentes phases, os diferentes periodos da loucura e não, como se supoz por muito tempo, escrever uma *fantasia* para rebecca, no genero das *Folies d'Espagne*. E por isso que elle poz como entestação da sua obra o titulo preciso de *La Follia* e não a designação mais vaga de *Folies d'Espagne*. E' portanto com o verdadeiro nome e no sentido descriptivo que é preciso comprehender a obra, para analysar o alcance e lhe apreciar devidamente a poesia profunda e suggestiva.

Julgou-se por muito tempo que não eram de Corelli nem o thema nem algumas das variações de *La Follia*.

Supposição errada no dizer de Geminiani e na minha opinião tambem, tanto mais que este mesmo thema, com o seu desenvolvimento em forma de *Chaconne*, se faz sentir em quasi todas as primeiras cinco obras de Corelli, para desenvolver-se no fim da quinta em toda a triste serenidade da sua magestade e grandesa. E' porém possível que nos diversos recortes que se fizeram mais tarde na obra do mestre para enriquecer as *Folies d'Espagne*, se tenham confundido as subsequentes versões com a obra original.

Ha muitos musicologos que pretendem encontrar a origem do thema de *La Follia* em antigas peças para carrilhão; outros querem mesmo descobrir o motivo origi-

nal em velhas canções hespanholas ou portuguezas. O que causa extranheza n'estas engenhosas averiguações é que, para explicar a origem d'este thema não se tenha pensado em remontar ao *Cantus firmus* ou então aos velhos cantos hebraicos (ao Kol Nidré por exemplo)—ou que se não tenham simplesmente fixado no bello periodo que precede de alguns annos a eclosão d'esta obra (periodo que foi illustrado pelos Vitali, Buononcini, Bassani, Tonelli, Vivaldi) e que examinando certas obras d'estes mestres (Corrente lenta, Sarabanda ou Chacota*) se não tenha procurado n'ellas o nucleo inspirador do tão debatido thema.

Não será mais natural attribuir aos contemporaneos de Corelli ou áquelles que o precederam de pouco tempo, a honra de ter inspirado este thema?

E não seria logico que no erro de assimilar a obra prima de Corelli a um divertimento nacional ou a uma fantasia popular instrumental, se não visse mais que uma coincidência de nome, proveniente talvez da antiga orthographia italiana que escrevia indifferentemente *Folia* ou *Follia* (e d'ahi talvez a confusa designação de Folies d'Espagne)?

O fim do presente trabalho não é de liquidar esta questão de etymologia musical, mas de destruir uma falsa interpretação que faz perder ao auctor o fructo de uma descoberta verdadeiramente importante para a época: erro funesto para com uma obra que descortina um caminho novo e enriquece a litteratura do violino com um novo genero — o estylo descriptivo. De resto, pouco importa que o thema da *Follia* seja fundada ou infundadamente attribuido a Corelli; o essencial é não confundir o sentido descriptivo da sua obra com as *Folies d'Espagne*.

La *Follia* na edição original não tem introdução. Julguei que a obra prima de Corelli devia ser precedida de uma *Entrata* de estylo largo e de character determinado, que prepararia por opposição o ambiente sombrio, quasi funebre, em que se deve enunciar o thema

Thema maravilhoso que deve exhalar-se longa e tristemente: thema de uma dôr

* Na identidade etymologica que existe entre a antiga dança portugueza que tem este titulo e a *Ciaccona* de origem italiana, julgamos vêr toda a analogia entre ambas. A *chaconne* é ainda a mesma dança, e caracterisava-se por um movimento *grave*, em $\frac{3}{4}$, tendo na sua origem um *baixo obstinado*, isto é uniforme durante toda a peça.

Rameau deu-lhe a forma livre, emancipando-o do *baixo obstinado*.

Entre todas as *chacottes* que se tem composto ficou sempre celebre a da Sonata em ré menor, de Bach, para violino solo. — *Nota do trad.*

lenta, morbida, d'uma dôr que nada pôde diminuir nem mitigar.

Divina lamentação que se derrama genialmente em toda a obra, sob todas as formas com todos os accentos, enthusiasmos e desanimos, e com todas as lagrimas que ensoparam a incomparavel genialidade do grande Arcangelo!

Esta obra é toda a sua vida: o resto é como elle dizia: «*Sogno, derisione, rassegnazione*».

É por isso que, comprehendendo o periodo de amargura e de decepção em que foi escripta esta sonata, me deixei arrastar pelo desejo de paraphrasear as ideias do auctor, de lhe traduzir, se assim devo exprimir-me, o estado d'alma, synthetizando n'uma introdução e em certas partes da obra o triste periodo que originou esta nostalgica concepção.

É por isso que me permitti transformar em *dó natural* o *dó sustenido* do segundo e septimo compassos do thema e sublinhar este com harmonias de uma época mais remota, para lhe reforçar a expressão de sombria e amargurada tristeza.

Para um musico pouco documentado e influenciado naturalmente pelas harmonias e desenvolvimentos hodiernos, é arduo ter de tocar em obra tão grandiosamente simples e de estylo tão puro; assim, comprehendendo o obice, impuz-me a obrigação de afastar-me o menos possivel da esthetica da sonata e tomei ao proprio Corelli os motivos para o desenvolvimento d'esta introdução. Combinei a com os primeiros compassos do thema da *Follia*, mas baseei-a principalmente no *Continuo* e na trama melodica d'uma *Corrente* que lhe introduzi episodicamente e que pertence á opus II, n.º 2 das sonatas para dois violinos e baixo. E é uma pequena obra prima, simplesmente encantadora; perola de tons doces que reflecte a adoravel suavidade da alma tão affectuosa e tão expansiva de Corelli. Joia preciosa que traz como que um raio de esperança, uma calmaria benefica no drama intimo que a rodeia.

Não sei se serei comprehendido no sentimento que me guiou, ao intercalar aqui esta *Corrente*. Para mim, não encontro melhor lugar para esta pura gemma, que o escriptorio maravilhoso da obra *maestra* de Corelli, de tal fórma se casa e se confunde com os tons que a enlaçam. Parece que o destino a tenha inspirado ao mestre de Fusignano para apasiguar um dia a sua alma desilludida e permittir-lhe que encontrasse na grandesa da sua arte tão candida e tão doce a suprema consolação para as longas decepções da sua vida.

Era precisa esta explicação um tanta longa, não só para a comprehensão do trabalho empreendido, mas para me excusar da temeridade. Diz-me no entanto a minha consciencia de musico que, se não realisei tudo o que havia a esperar d'um tal trabalho, cumprí ao menos o dever de não amesquinhar nem profanar a obra de Corelli.

Póde ser que me censurem a prolixidade da introdução, a amplitude dada á parte de violino, depois a intromissão de alguns *variati* da minha composição na obra do grande mestre.

Prevejo e concebo as variadas criticas a que este genero de trabalho póde dar lugar. Não tenho senão uma desculpa: a minha illimitada admiração por Corelli.

A seguir, Cesar Thomson analysa thematicamente o plano do seu trabalho, destrinchando quaes os motivos e phrases que pertencem á edição original da famosa sonata, e quaes os que elle julgou conveniente acrescentar-lhe.

Estamos com o notavel professor belga — a sua obra ha de dar lugar a grandes controversias e mais de um critico de polpa gritará contra a profanação.

Mas o que é preciso não esquecer é que, em primeiro lugar Cesar Thomson não é o primeiro a entrar n'esse caminho e alem d'isso tem, pela sua vasta erudição e proficiencia, uma auctoridade não vulgar para o trabalho a que se propoz.

E se o caminho é errado, tem esses factores a desculpá-lo, alem da admiração que elle tão singelamente declara pela obra immortal do cysne de Fusignano.



THEATRO DE S. CARLOS

No dia previamente annunciado, 18 de dezembro, abriu o nosso theatro lyrico com a *Tosca*. Alem d'esta teem até hoje sido cantadas as seguintes operas: *Gioconda*, no dia 20; *Fedora*, no dia 24; *Sansão e Dalila*, no dia 26.

Os artistas principaes que teem tomado parte nestas operas são: Eva Tetrzzini, Amelia Pinto e Angelica Pandolfini, sopranos dramaticos; Virginia Guerrini e Anita Torretta, meio-sopranos; Camporelli, soprano ligeiro; Fiorello Giraud, Vincenzo Bieletto e Arturo Franceschini, tenores; Eugenio Giraldoni, Arturo Cerratelli, baritons; Torres de Luna baixo.

Em geral tem sido boa a impressão deixada por estes artistas nos *dilettanti* de S. Carlos e a julgar pelas primeiras recitas, a

epoca lyrica corrente deverá ser das que mais teem agradado. Muito concorre para isso o elemento feminino que, no genero sopranos dramaticos e meio-sopranos, se apresenta por agora bem representado.

Da sr.^a Eva Tetrzzini bem pouco temos a dizer. Limitamo-nos a saudar a celebrada artista por ainda mais uma vez pizar o palco de S. Carlos. que desde 28 de outubro de 1888, em que debutou na *Aida*, tem sido para a illustre cantora um manancial de glorias, não sendo facil esquecer as delirantes ovações de que então foi alvo na *Ave Maria* do 4.^o acto do *Othelo* de Verdi, assim como no duetto do 2.^o acto e no 4.^o acto da *Gioconda*. O talento musical da privilegiada artista, reunido a um grande conhecimento da arte dramatica, ainda actualmente supre defficiencias de voz impossiveis de evitar com o decorrer dos annos.

A sr.^a Amelia Pinto é uma artista no vigor da idade e na pujança dos recursos vocaes. Dispõe de voz extensa, de timbre agradável, canta com atinação, é correcta na dicção e, o que é mais e hoje muito raro, sabe cantar. Como artista dramatica o seu trabalho foi muito correcto na protagonista da *Gioconda*, unica opera em que até hoje se apresentou.

A sr.^a Pandolfini é outra artista com magnificos recursos vocaes. Bastante nova ainda, teve com certeza a educar-lhe a voz algum dos poucos professores a que hoje ainda se pode conceder o titulo de *mestres de canto*. Apresentou-se na *Fedora* e colheu unanimes applausos pelo modo como cantou a parte da protagonista. Como artista dramatica não poude fazer esquecer impressões deixadas por artistas já muito senhoras do palco. No entanto em S. Carlos, quando numa artista não é possivel reunir as duas entidades: cantora e actriz, preferimos fechar os olhos e ouvir cantar.

A sr.^a Virginia Guerrini, que em S. Carlos se fez ouvir pela primeira vez na epocha lyrica de 1893 a 94, sendo então principalmente applaudida no *Lohengrin* e *Falstaff*, tem uma bonita e pastosa voz de meio soprano, que conduz com maestria, defendendo-se perfeitamente da difficuldade de emissão nas notas de transição do registo de peito para o de cabeça, que se encontram um tanto veladas. E' artista que naturalmente se fará ouvir na *Aida* e noutras operas em que o seu talento dramatico muito deverá ser apreciado. Na *Gioconda* e no *Sansão e Dalila* já a illustre artista teve ensejo de se manifestar como boa cantora e actriz apreciavel.

Das qualidades artisticas da sr.^a Anita Torretta não pudemos fazer ainda um juizo

seguro. Apenas a ouvimos na parte da cega na *Gioconda*. A sua voz de meio soprano, de timbre agradável e suave, embora pouco pastosa, é de molde a produzir magníficos efeitos de colorido, quando bem conduzida.

Das qualidades artisticas da sr.^a Camporelli, como soprano ligeiro, é que pudemos ajuizar no pequeno papel de condessa Olga, da *Fedora*. Infelizmente não está á altura de bem se poder desempenhar do encargo que no elenco de S. Carlos lhe commetteram.

O tenor Giraud, já nosso conhecido no inverno de 1898 a 99, ganhou sensivelmente na emissão das notas agudas, que hoje se apresentam mais brilhantes, sonoras e obediéncias á vontade do artista. Bastante consciencioso e correcto no modo de dizer, principalmente nas phrases de sentimento e de larga expressão, ressent-se da falta de insistentes exercícos de vocalisação, a que a sua larynge devia outr'ora ser rebelde, pela difficuldade que então se notava na emissão das notas agudas. Com a sua boa presença, intelligencia, bello timbre de voz, de caracter mavioso e suave, proprio para exprimir sentimentos ternos, o sr. Giraud, embora um artista de muito merito, tem elementos para poder ser um tenor de primeira ordem.

O sr. Vincenzo Bioletto deu na *Gioconda* bem fracas provas das suas aptidões artisticas como tenor. A fria recepção do auditorio não pôde animal-o a insistir na sua apresentação.

No *Sansão* debutou o tenor Franceschini. A sua voz, d'um timbre a que muitos chamam varonil, tem pouca elasticidade e por isso difficil será ao artista captivar o auditorio com effeitos de colorido. No *Sansão* e *Dalila*, uma opera de subido merito musical mas bem pouco do agrado dos frequentadores do nosso theatro lyrico, mostrou-se o sr. Franceschini bastante compromettido, talvez por não a conhecer sufficientemente. Noutras operas terá occasião de mostrar quanto vale.

O baritono Giraltoni foi uma bella aquisição para o nosso theatro lyrico. E' porrem um meteoro de fugitiva fuleuração, porque só nos diliciará até 15 de janeiro.

O baritono Cerratelli é artista para prestar magníficos serviços á empreza, como cantor de quem se não exijam grandes responsabilidades, nem a distincta e correcta apresentação de um diplomata. Ouvimol-o com prazer na parte do grão sacerdote do Dagon no *Sansão* e *Dalila*.

O baixo Torres de Luna, a quem o anno passado por mais de uma vez nos referimos, é um novo de quem ha muito a esperar.

Terminaremos este rapido esbôço com as nossas cordeaes felicitações ao maestro

Cleofonte Campanini, um dos melhores, mais activos e trabalhadores directores de orchestra que conhecemos e que desde a epoca lyrica de 1888 a 89 é a quinta vez que dirige a orchestra de S. Carlos, que este anno foi quasi completamente substituida no seu pessoal estrangeiro, tendo actualmente artistas de subido merito, entre os quaes sobresaem os portugueses.

30 de dezembro.

ESTEVES LISBOA.



GUILHERMINA SUGGIA

Quem estiver ao facto das enormes difficuldades com que artistas consummados luctam, para conseguir tomar parte em concertos do Gewandhaus; quem souber que, cooperar n'esses tão celebres concertos é o sonho dourado de muitos; e quem conhecer a meticolosa attenção e seriedade com que os seus programmas são confeccionados, ficará decerto fazendo uma justa ideia do talento de D. Guilhermina Suggia, que acaba, á hora a que escrevo, de *debutar* n'esse mesmo Gewandhaus, fazendo-o de tal forma que o publico foi unanime em a considerar um talento «colossal» segundo o termo empregado.

O concerto, que constou das symphonias, em sol maior de Haydn, em ré menor op. 120 n.º 4 de Robert Schumann, de Lieder pelo Thomauer-Chor (côro de rapazes da igreja de S. Thomas) e do concerto em la menor, para violoncello e orchestra, de Volkmann, interpretado superiormente por M.^{lle} Suggia, com uma technica d'uma pureza pouco vulgar, decorreu no meio de grande enthusiasmo e de admiração por um tão bello talento.

M.^{lle} Suggia tocou, além do programma o *Cantabile* de C. Cui, acompanhada no piano por Nikisch.

Os jornaes d'esta cidade são unanimes em considerar M.^{lle} Suggia como uma das maiores violoncellistas da actualidade.

Klengel estava radiante. A sala, cheia. Coincidencia extraordinaria: M.^{lle} Suggia estreiou-se na mesma casa de concertos em em que Klengel debutou, (Klengel no antigo e M.^{lle} Suggia no novo Gewandhaus) com a mesma idade e, segundo o desejo manifestado por Klengel, com egual programma.

Sabemos de boa fonte que Nikisch deseja apresentar M.^{lle} Suggia ao publico berlinense, n'um dos concertos da Philharmonie, que Lisboa já conhece.

Como portuguez de coração, senti verda-

deiro orgulho ao ver o delirio com que o publico d'esta cidade de tão alta cotação musical, acclamou a grande artista portugueza, que desde hoje entrou para a classe dos mais distinctos e considerados artistas e que dará honra á sua patria.

Leipzig, 18 de Dezembro de 1902.

JOAQUIM F. FERREIRA DA SILVA

*

Depois de compostas as linhas antecedentes, chegou-nos a noticia de uma nova e suprema distincção do que foi alvo a nossa talentosa compatriota da parte do Gewandhaus. Não tendo podido o celebre violinista belga Thomson cumprir o seu contracto, de realizar um concerto no Gewandhaus a 18 do corrente, a direcção deliberou convidar D. Guilhermina Suggia a que prehenchesse, com a sua cooperação pessoal, a lacuna que a ausencia de Thomson deixara em aberto.

Esse convite foi feito nos termos mais lisongeiros e elogiosos para a nossa grande artista, desde já brilhante e luminosa gloria de Arte portugueza.

Um telegramma de Lepzig dá-nos noticia do grande successo de D. Guilhermina Suggia n'uma *matinée* que precedeu o concerto, realisada em 17.

CONCERTOS

Por lapso não mencionamos no numero passado a sessão musical que houve a 11 no paço das Necessidades, e em que figuraram a illustre cantora a sr.^a D. Carolina Palhares, conjuntamente com os professores Rey Colaço e Cardona.

A notavel professora de canto fez-se ouvir na aria do Fausto, na *Crocellina d'oro* de Palloni e na *Serenata inutile* de Brahms.

Apoz essa, tem havido no paço das Necessidades varias outras sessões musicas de caracter intimo.

*

No dia 14 de dezembro teve logar no Theatro Michaelense, de Ponta Delgada, um concerto promovido pelo distincto violoncellista Carlos de Mello com o concurso de artistas naturaes d'aquella cidade, os srs. Ricardo Nicosia e Luiz Xavier (pianistas), Quintilliano Furtado (flautista) e Deodato Ramos (violinista).

O programma, interessante e variado, comportava trechos de Bach, Beriot, Haydn, Beethoven e Widor, alem das aberturas das *Alegres comadres de Windsor*, de Nicolay, e do *Poete et paysan*, de Suppé.

Pelos jornaes açorianos vemos que o concerto agradou extraordinariamente, e que o nosso conterraneo foi devidamente applaudido, tendo ainda que tocar, fóra do programma, duas composições originaes suas no violoncello: *Rhapsodia portugueza e Coquette*, valsa.

Deviam seguir-se a este outros dois concertos realisados com o concurso dos illustres executantes que tomaram parte no primeiro.

*

Com uma concorrência transbordante, onde se podia vêr tudo o que de mais selecto tem a nossa Lisboa musical, realisou-se a 15 no lindo salão do Palacio Foz a festa annual de Rey Colaço, festa que foi mais um justificado triumpho para o illustre professor e mais uma occasião de recolher as homenagens a que o seu talento tem largo direito.

Rey Colaço correspondeu á anciedade dos seus admiradores com a execução das conhecidas legendas de Liszt, *S. Francisco d'Assis* e *S. Francisco de Paula* e de uma suite de pequenas peças que como sempre, foram optimamente traduzidas. E é de justiça especialisar *Les Tricotets* e *La Poule*, ambas de Rameau, cuja execução poderemos classificar de insuperavel, sem receio da cahir em adulação ou exagero.

Ouvimos ainda n'este concerto :

A sr.^a D. Carolina Palhares, uma distincta cantora portuense que, ao que parece, vem fixar residencia entre nós para o exercicio do professorado e que tem uma sympathica voz de *mezzo soprano*, facil na emissão e habilmente cultivada. O publico recebeu-a com grandes demonstrações de agrado e pediu-lhe a repetição da *Serenata inutile* de Brahms e do *racconto* da Bohème.

O sr. Nicolino Milano, violinista de grande merecimento, a quem já nos temos referido e que teve bellos momentos de inspiração nos dois *morceaux* que lhe cabiam no programma.

Os srs. Hernani Braga, Andrés Goñi e Moraes Palmeiro que n'um trio de Haydn nos proporcionaram ouvir o lindo cravo que o primeiro d'estes distinctos artistas mandou ultimamente vir de Paris.

E finalmente o sr. Eduardo Burnay, acompanhando as peças de canto e revelando-nos n'esse tão ingrato quão difficil papel, qualidades de todo o ponto dignas de louvôr.

*

A noute de 10 foi noute de festa no bello salão musical de Moreira de Sá. Commemorando o segundo anniversario da abertura do seu estabelecimento musical, offereceu

o eminente artista um escolhido concerto aos seus clientes e aos admiradores do seu grande talento, que se contam por quantos, no Porto, se interessam pelas cousas musicas.

Alem de Moreira de Sá e sua talentosa filha D. Leonilda, tomaram parte n'este sarau uma cantora de grande merecimento, a sr.^a D. Maria Albergaria e os srs. Antonio de Lemos e Raul Caldevilla.

*

No dia 20 realisou-se no elegante Club da Foz, na sua nova installação de Cadouços, uma *matinée* muito interessante e sympathica, pois que o seu producto revertia em prol dos pobres da freguezia.

Houve trechos de violino pelo sr. Moreira de Sá, de piano pelo sr. Xisto Lopes, e de canto por diversas amadoras de elevada cotação artistica, bem como poesias recitadas pela sr.^a D. Julia Fonseca e Raul Caldevilla.

Salientou-se notavelmente na *matinée* a sr.^a D. Olinda Rocha Leão, dotada d'esplendida vez de soprano ligeiro.

*

A 22 e em casa do benemerito e incansavel professor e propagandista musical Bernardo Moreira de Sá, teve lugar um novo ensaio de discipulos com um programma largamente elaborado, e que se compunha de quinze numeros exclusivamente escolhidos de composições de piano, violino e violetta (em trios) e de piano ou violino, a sólo.

O ultimo numero do programma, chave d'ouro d'elle, foi a *Chaconne em ré menor*, de Bach, executada no violino por Moreira de Sá.

*

Fecha a presente quinzena musical com o 2.^o concerto organizado n'esta época pela *Escola de Musica de Camara*. Tem lugar a 31 no Salão do Conservatorio e d'elle não podemos dar noticia n'este numero para que o jornal possa ser distribuido punctualmente, como de costume.

Por conveniencia no serviço d'ensaios, transferiu se para mais tarde a estreia do novo quarteto, de que davamos conta no numero passado e organisou se para este concerto o seguinte programma:

SEPTUOR (*à la trompette*) . . . St. Saëns
SONATA — op. 9 Godard
QUINTETO — op. 87 Mendelssohn

sendo as duas primeiras obras em primeira audição.

O programma é d'esta vez commentado pelo director e proprietario da nossa revista.

*

Agenda da proxima quinzena:

4 — A's 2 horas da tarde — 1.^o concerto da orchestra Colonne, no theatro D. Amelia.

5 — A's 8 e meia da noite — 2.^o concerto Colonne no mesmo theatro.

8 — A's 7 horas da noite — Sarau artistico da cantora portugueza D. Isaura Mello Calado, no salão do Conservatorio.

11 — A's 2 horas da tarde — 1.^o concerto do Quartetto tchéque no theatro de S. Carlos.

12 — A's 8 horas e meia da noite — 1.^o concerto do pianista Alberto Friedenthal no salão do Conservatorio.



Leon Jamet



Il serait vraiment déplorable, que certaines oeuvres fussent admirées de certains gens.

Lendo estas tão rudes mas tão justas palavras do grande Berlioz, apeteceu me modificar-lhe um termo e onde o auctor escreveu oeuvres escrever eu por exem-

plo o vocabulo âmes.

É que vindo fallar lhes do sympathico e distincto organista da Igreja de S. Luiz dos francezes, occorreu-me — ai de mim, com pesar o confesso — que certamente elle lamentará ser a desauthorizada e obscura penna de um simples admirador obscuro quem venha agora emmoldurar-lhe o perfil dizendo coisas que proferidas por outrem irradiariam um particular fulgor.

Assim ellas brilharão apenas com aquelle que de si possuem, já que, por modo algum, elle de mim não vem.

Que lhes direi portanto?

Que Jamet nasceu em 1864 em Issoudun?

Que entrou para a Institution Nationale des Jeunes Aveugles de Paris em 1874 e que ali foi escolhido para o logar de organista que na velha parochia franceza entre nós exerce?

Que desde 1893 o é tambem da Real Capella das Necessidades?

Que estudou órgão e composição com Lebel, canto com Bussine e Obéry, violino com Bres?

Que julgadores como Cesar Frank e Lamoureux, Duvernoy e Pessard em exames publicos o aplaudiram e premiaram em canto, em harmonia, em piano, em órgão?

Que obteve medalhas de prata e de ouro em concursos de composição ganhando mesmo para uma d'ellas o premio do ministro das Bellas Artes de França?

Mas tudo isso o conhecem de sobra os que mais ou menos lidam em assumptos musicaes, e até aqui entre nós o fizeram já cavalleiro de Christo e de S. Thiago...

Aquelles porém de entre vós que porventura queiram ter uma impressão completa do que é e do que vale Jamet, basta-lhes que um domingo entrem na igreja de S. Luiz, e ao ouvir-lhe os accordes plangentes do órgão, e as phrases musicaes da voz repassadas de uavidade e encanto, logo comprehenderão que se encontram diante de alguem que tem na alma juntamente com a divina poesia da sua Arte a sciencia admiravel e completa do métier, e sentindo-se commovidos sentir-se-hão dominados...

Não é mister ser mais extenso e nem por muito que lograsse dizer, diria mais ou melhor, escrevendo, do que todos vós a final direis — escutando-o...

AFFONSO VARGAS

NOTICIARIO

Do paiz

O illustre barytono portuguez Mauricio Bensaude escreveu-nos uma amavel carta em que nos dá conta da impossibilidade em que se encontra de poder na presente epocha apresentar se em S. Carlos, onde estava contractado.

A rasão foi a doença da prima-donna Melba, que forçou a consideravel delonga a estação lyrica de Australia, não podendo portanto o nosso compatriota partir d'ali a tempo de estar em Lisboa, durante o periodo de tempo da actual estação lyrica.

Na mesma carta nos diz haver feito já communicação ao empresario Paccini, para que possa escripturar com tempo artista que o substitua.

Annunciamos na secção competente o proximo concerto da sr.^a D. Isaura de Mello Callado, distincta cantora portugueza, que para maior brilhantismo da sua festa se fará acompanhar pelos insignes artistas Rey Colaço, Andrés Goñi e Nicolino Milano.

Agredecemos os bilhetes que nos foram gentilmente enviados.

O distincto e conceituado professor de canto Alberto Sarti mudou a sua residencia para a Rua Castilho, 34, 2.^o, onde pode desde já ser procurado.

Pede-nos o nosso amigo de darmos publicidade no jornal a esta mudança de casa o que fazemos gostosamente.

No ultimo concurso realizado para mestres de musica ficaram classificados pela sua ordem de merito os seguintes contrames-tres: Joaquim Martins Branco, da Guarda Municipal do Porto; José Nunes, d'Infanteria 11; Martinho Nogueira. O primeiro deve ser promovido sem demora por haver attingido já o limite d'idade o mestre d'Infanteria 23, Innocencio Chaves.

A escolha das peças dos cursos do Conservatorio recahiu nos seguintes autores, durante o actual anno de 902/3:

Beethoven, op. 119—Bagatelle III—(1.^o anno)
Mendelssohn, op. 72—Kinderstucke II—(2.^o anno)

Haendel—Passacaglia (3.^o anno)

Bach—Suite em sol III—(4.^o anno)

Scarlatti—Sonate-concerto—(5.^o anno)

Recebemos os programmas de diversos concertos realizados em Berlim no Salão Bechstein, nos quaes tomou parte proeminente o nosso celebre e glorioso pianista José Vianna da Motta.

Os programmas que temos presentes e que se reportam ás sessões de 3 e 16 de Dezembro inserem trechos de Fauré, Berlioz, Cesar Franck, Bizet, Mozart, Schumann e Beethoven.

Tomaram parte nas duas sessões alguns dos mais reputados *virtuosi* allemães, de violino, viola, cello, flauta, oboé, clarinete, fagotte e trompa.

Parece que as sessões se prolongarão até 4 de Fevereiro do proximo anno de 1903.

Do Estrangeiro

O governo da Belgica acaba de reduzir no proximo anno, quasi ao minimo, os subsidios que concedia aos theatros d'opera cantada em flamengo, de Bruzellas, Anvers e Gand. Esta medida é porem transitoria. A contar do anno seguinte, esses mesmos, actualmente de 1:400 francos a cada theatro,—serão totalmente supprimidos. Sem embargo do auxilio prestado os theatros em questão, jámais conseguiram concorrer com os de opera cantada em francez, que não tinham subsidio algum.

O acontecimento theatral mais recente em Paris é a primeira representação da *Carmelite* partitura devida á collaboração de Catulle Mendés, o delicado poeta, para o poema e de Reynaldo Hahn, um dos jovens compositores francezes de mais promettedor futuro, para a musica.

O assumpto escolhido por Catulle Mendés é a legenda romantica dos amores de Luiz XIV, na sua juventude com Luiza de La Vallière. Assim os tres personagens principaes do poema, em torno dos quaes se move a acção são os dois apaixonados: Luiza e o seu real amante e o do Bispo, que acompanha cada um dos étapes da vida de Luiza desde a queda que procura embalde impedir até ao desengano que a leva a tomar o habito de Carmelita, o que justifica o titulo definitivo da obra.

Estes tres personagens principaes estão distribuidos como era facil induzir-se ao soprano tenor (Luiz XIV) e baixo. Afóra elles, e em proporções de menor importancia seguem-se os da joven Rainha, d'uma feiticeira ao soldo da Montespan, e o de um padre reprobado, typo de bohemio do peor quilate, e ainda outros.

O successo da partitura foi de franco applauso de que compartilharam os interpretes: — Emma Calvé na protogonista, tenor Muratore, e baixo Dufranc, a quem pertenceu o maior effeito na parte do Bispo. O personagem da Rainha, mulher de Luiz XIV, foi cantado por Marie d'Isle.

Emquanto a *Opera comique* representa a obra de Reynaldo Hahn, a *Opera* dava a *première* de *Paillasse*, traducção franceza de Eugenio Crote da peça de Loncavallo. Não parece haver sido absolutamente favoravel ao conceito da opera o juizo do publico, e ainda menos o da critica parisiense. Segundo deprehendemos da leitura dos jornaes recentes o exito foi maior para os cantores do que para a obra, os interpretes eram na verdade excellentes. Nada menos do que o tenor João de Reszke no *Cassio*, Delmas no *Tonio*, o maior successo da representação, e de Madame Akté, tenor Lafitte e barytono Gilly nos personagens de Nedda, Arlequim e Sylvio.

A encenação e os demais accessorios d'uma sumptuosidade tal, como se apresentam os espectaculos da *Opera*, de Paris.

A Associação dos cantores allemães que conta 109:339 socios e 3694 Sociedades adherentes, deliberou realisar no proximo mez de Junho um grande concurso de canto na cidade de Francfort-sobre o Meno.

Obteve um verdadeiro successo na sua primeira audição em Siena, um hymno para coros e orchestra em louvor do grande Dante Allighieri, letra de Franchetti e musica de S. Gastaldon.

No 1.º de Outubro de 1903 será inaugurado officialmente em Berlim o monumento de Ricardo Wagner.

Por essa occasião executar-se ha um grande *Festival* classico, synthese historica da musica allemã.

Na pouco afortunada *tournee* artistica emprehendida pelo maestro Mascagni na America, occorreram como é sabido varias peripicias umas tristes e outras excetricas senão comicas. Entre estas ultimas se pode contar a substituição d'alguns musicos italianos que adoeçeram, havendo-se recusado tenazmente os artistas americanos a substituil-os. Mas prevendo o caso da impossibilidade para Mascagni de poder realisar o spectaculo, faltando-lhe diversos artistas da orchestra, os americanos prepararam uma orchestra completa sob a regencia do violinista Nohan Franco.

Havendo, no primeiro ensaio, os musicos italianos tomado os logares da orchestra, os artistas americanos installaram-se no palco, pretendendo disputar áquelles o direito de primazia.

Curioso specimen de *boa camaradagem* artistica!

Embarcou no transporte-correio *Annam* com destino a Pekin, e á Cathedral dita dos Embaixadores um magnifico orgão, encomendado ha tempo por Monsenhor Favier.

As peças componentes do enorme instrumento vão dispostos em cincoenta e um volumes.

Será este, portanto, o primeiro orgão introduzido na China; pois que até agora o governo do Celeste imperio havia-se opposto terminantemente á installação de taes instrumentos, ainda mesmo nos templos do ritual catholico.

As duas conhecidas publicações musicas d'Italia: *Gazzeta Musicale di Milano* e *Musica e Musicisti*, deliberaram fundir-se n'uma só, sob o titulo *Musica e Musicisti* a contar do começo do proximo anno, sahindo cada mez um fasciculo de 64 paginas de texto, com numerosas illustrações, em typo magnifico, e pelo modico preço annual de 9 liras para os paizes da União postal, e 6 liras em Italia.

O director da nova revista é o conhe-

cido e conceituado musicographo e editor musical Giulio Ricordi, de quem recebemos uma circular dando-nos conta da resolução bem como um elegante programma com specimen das gravuras que a nova Revista inserirá, e que são na verdade esplendidas.

NECROLOGIA

Rachel Luisello

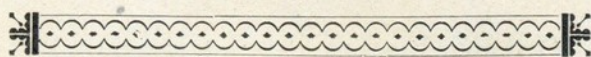
Quando este numero chegar ás mãos dos nossos assignantes já para nenhum d'elles será nova a triste noticia do fallecimento d'esta tão notavel e tão apreciada e applaudida harpista...

Tudo quanto escrevessemos ácerca de Rachel Luisello, do seu virtuosismo como executante, da sua personalidade como artista, não seria nem demasiado nem contestavel; mas a verdade é que a penna cae-nos das mãos ao pensar na joven e mallograda senhora que morre quando precisamente o seu talento havia adquirido aquella grande elevação mercê da qual tudo havia direito a exigir-lhe, e quando na obra da educação musical portugueza, lhe estava ja reservado um logar e dos mais em evidencia para o que tudo a vinha talhando: a solidez da sua cultura, a seriedade do seu espirito, a orientação do seu gosto...

Applaudida e amada na Allemanha, disputada um momento por duas grandes orquestras de Inglaterra e de Italia, ouvida em concertos e sessões do maior relevo e da mais alta cotação musical, com a paixão da sua arte levada quasi ao delirio, e com uma noção do que esta venha a ser como raro se vê até em grandes profissionaes, pois que para ella dizer arte era dizer sacerdocio, Rachel Luisello se lhe houvesse sido dado vencer a lamentavel crise da sua enfermidade, que acabou por prostral-a, teria mostrado ás nossas gerações de agora que mal a conheciam talvez, quem era e o que representava.

E então se veria que não se enganára o saudoso Fontana quando, já do tumulo quasi, a consagrava como um futuro astro, de primeira grandeza; infelizmente a realidade foi mais forte que a Esperança e um simples sopro tudo aniquillou e desfez.

Possam estas breves mas sinceras linhas levar á sua ainda mal fechada cova, com a sentida e piedosa homenagem do nosso luto, o enternecido e sempre virente testemunho da nossa saudade...



SECÇÃO LITTERARIA

JESUS

(J. RICARD)

I

Os pastores na montanha

Um velho pastor — Bom dia pastor.

Um novo pastor — Bom dia.

O velho pastor — Já sabes da novidade?

O novo pastor — Tu escarneces de mim?

Sobre este outeiro desprezado os nossos rebanhos são mudos. Nem sequer um cordeiro bala. O silencio é por toda a parte. Não ouvi nada.

O velho pastor — Tres amigos me contaram, tres velhos pastores de cabras, que viram no ceu um anjo, esta noite; e disse-lhes fallando como tu, pela tua bocca: «o messias nasceu!»

O novo pastor — O anjo poderia ter fallado, eu não vi senão duas nuvens brancas.

O velho pastor — Sim as azas do anjo.

O novo pastor — Elle não me fallou, os meus ouvidos habituados ao grande silencio, ouviriam ainda que fosse um simples pjar de passaro.

O velho pastor — Tu não ouviste nada?

O novo pastor — Nem mesmo as corujas.

O velho pastor — Não viste nada?

O novo pastor — Lá em cima, sempre no mesmo logar, as constellações que fallam mudas.

O velho pastor — Pois annuncio-te o nascimento de um Deus.

O novo pastor — Eu não conheço senão um, que é Moysés.

O velho pastor — Um outro acaba de nascer, um melhor e mais amigo.

O novo pastor — Falla, velho! eu te escuto com pezar e surpresa, a velhice desvaria. Deve-se respeitar a loucura.

O velho pastor — Não rias! Este Senhor nasceu n'um presepio. Como faz frio, um burro e um boi, o aquecem com o bafo. Elles o amam, porque já sabem que elle será caritativo. Chama-se *Jesus*, e é mensageiro de Deus.

O novo pastor — Deus, é um Salomão, um velho monarcha, tem legiões, thronos de oiro, um enviado do ceu trará melhor o seu signal e virá sob um grande resplendor ao cume do Thabor.

O velho pastor — Pensa como quizeres, eu acredito nos prophetas, vou a Bethlem, para ver o recém-nascido.

(Continua).